

CORRESPONDÊNCIA COM SHIRLEY

(e breves intervenções de Theda Bara)

Querida Shirley, estou te escrevendo apesar de não te conhecer. Aliás, me pergunto de cara por que não te conheço; não freqüente teu ambiente nem você provavelmente freqüenta o meu. Não sei o que você lê, não sei mesmo se você lê; talvez deteste, com bons motivos. O que poderíamos ter em comum, então? Por exemplo, se eu fosse escrever sobre você, o que sairia da minha cabeça? Vejo você nas ruas, algumas vezes, mas temo imaginar. Minha aproximação se faz de modo indireto: pergunto sobre você pra quem tem alguma experiência, leio sobre, faço entrevistas tomando nota ou gravando. O que você poderia ser pra mim além de um contundente símbolo sexual? Essa limitação nos tolhe. É verdade que nossas diferenças mais importantes não estão aí, mas são essas talvez as mais sensacionais. Você usando uma estampa X, eu usando uma estampa Y, sempre dentro de universos delimitados. Mas tenho meu fascínio por você, pensa que não? Acho você semi-anjo, algo assim entre o céu e o mar. Alguém que nada e voa, me entende? O prazer da dubiedade, da ambivalência. Ou o mistério tornado público, a transmutação/metamorfose do ser, aos olhos dos videntes nas ruas. Quem não quer ser pássaro da noite, peixe do dia? Taí o carnaval... Se algo existe de fascinante no travestir-se é a possibilidade de confundir enquanto descendente ou realização mágica do nosso grande sonho hermafrodita. E feminilizar-se no homem corresponde a um obscuro desejo de libertação, assim como a desmunhecação significa um subversivo gesto de descanso no contexto dos papéis impostos — que o macho se abra e rompa as rígidas estruturas de poder apoiadas sobre a hegemonia do falo. Ou que o falo floresça, como nas antigas cartas de Tarô. Além do mais, essa ambigüidade de Shirley me pareceria o tema perfeito para a ambigüidade da obra criada a partir daí. Trata-se de uma mitologização da marginalidade que poderia carrear certos elementos marginais para o universo da ficção e seus próprios instrumentos de carpintaria. O travesti (e em geral homossexual) parece levantar a questão de que o sentido do desejo é não interferir senão na margem, e indica, impiedosamente, que o verdadeiro centro está na margem; e talvez, que não existe nem centro. Sacou, Shirley? É, esse papo me impede de chegar a você. Assim como o meu pânico. E me defendo. O único que sei fazer direito: defender-me.

Sei que aparecem autores para receber os teus favores de cortesã. Gente assim como eu, cuca cheia de meandros. Ouvi histórias de um certo que passava horas conversando com você sobre a dificuldade de se estar com um travesti; nisso, ele parece ser um tipo brilhante; mas foi embora sem sequer tirar a camisa. Esquisito, não? E entretanto, Shirley, acho uma dificuldade misturar duas coisas como eu e você. Sabe, gente como eu está sempre cheia de cascas. É difícil pra gente botar a saia linda e sair rodopiando, assim todo maquiado — bastava lembrar o Valentino, nem precisava chegar a Theda Bara. Mas não. A nossa criação cultural, Shirley, é cada vez mais produto de escritório, de computador. Vivemos dois cômodos estancos: vida e criação. Como Tonio Kroeger, olhando a vida através da vidraça. Bom, sempre me disseram que a obra nada tem a ver com o criador, uma vez pronta. Mas eu gosto de um pouco de veneno, sua boba. Gosto de conhecer a vida de autores como quem conhece bastidores de teatro. Te juro que os bastidores são freqüentemente mais fascinantes do que a obra deles; você encontra contradições, medos declarados, prazer procurado e consumado, abertura secreta em tantas direções. Mas a obra quase nunca é esse elemento de mistura louca; a obra quer sempre ser um resumo, uma simplificação, uma proposta — o medo de não ser compreendido, mesmo que a compreensão imponha brutas mentiras racionalizadas. Talvez eu não esteja sendo justo ao exigir essa interpenetração vida/obra. Mas o fato é que nós nos distanciamos: teu mundo cada vez mais longe, o mundo. E pagamos um preço por isso: o sofrimento de termos cada vez mais contradições que nossa criação cultural não atinge, porque está distante de nossas vidas. Se você considera, Shirley, que queiramos ou não somos a elite que puxa a nação, então estamos roubados. Bom, pelo menos é assim que as coisas ficam colocadas, num país onde tão pouca gente tem acesso à cultura e ao saber — ou seja, ao poder que a cultura trás. A propósito, conheci um cara que se apresentava assim: "Muito prazer. Fulano de Tal. Sabe que li os 7 volumes da História da Inteligência Brasileira, do Wilson Martins?" E ficava esperando você fazer a vênua. A verdade é que ele conseguiu ficar famoso, como sempre quis. Aí, Shirley, estou tocando num ponto crucial, mas também fundamental. Olha, gente como eu tenta resolver suas inseguranças vitais através do conhecimento científico. Quer dizer, alimentamos a ilusão positivista de que isso funciona de

modo infalível. E assim vamo-nos enchendo de cascos defensivos. Gente cascada perante a vida. Por isso, Shirley, devo confessar a você que acredito cada vez mais no seguinte: somos um país cheio de intelectuais (esse é o meu nome, sua boba) apodrecidos pelo sentimento de culpa; é ele que nos move. Aliás, parece ser esse o único sentimento que nos permitimos ter de maneira verdadeiramente legítima — sorrimos por nossas culpas. Os outros sentimentos brotam clandestinamente em nossas vidas porque, para cada gesto de ódio ou amor existe uma citação feita, um livro consultado, um artigo escrito, um filme analisado. Como é isso, bicha? Você entende como é que acontece? Seus mecanismos ou seja lá o que for? Por exemplo, para criticar e discutir a sociedade baseada na repressão sexual (ai, ai, ai), escrevemos um livro ou promovemos um debate na universidade. (Egragado, nunca pensamos numa orgia). O universo concentracionário que criamos ao redor de nós prende-nos no círculo vicioso da cultura: lemos Foucauld para saber como Foucauld critica o ato de ler Foucauld. Percebe? Fomos devorados pela abstração que criamos com a cultura livresca, graças à nossa requintada vida intelectual; essa é também nossa maior defesa contra elementos estranhos que invadem nossas vidas. A gente não gosta de elementos estranhos. Ao contrário, buscamos um saber cada vez mais confortável que nos dê autoridade para resistir às pressões e conservar o adquirido — mesmo quando aparentamos a mudança, a modernização, a vanguarda. Nesse processo, damos continuidade à cadeia de repressão. Somos os reprimidos que reprimem e também os repressores que são reprimidos. Olha, Shirley, a vida nos amedronta: ela é o céu aberto que não filtra nada sobre nossas cabeças. Então, menina, como falar honestamente de você que põe à prova nossas defesas, que ameaça nos escancarar? Quando um autor fala de uma prostituta, é mais fácil para ele desvenhar-se e compor *de fora*. Já no caso do travesti, a ambigüidade certamente atingiria os pés de barro do autor; uma ambigüidade recôndita, reservada para quatro paredes, que de repente pede explosão. Mas veja nossos filmes: seus cortes testemunham um total "respeito" à privacidade do amor, com tudo o que isso significa; e eu achava que o tema do travesti destruiria a barreira entre autor e personagem, porque colocou o privado nas ruas e expôs nas esquinas o que se faz às escondidas. Muito freqüentemente, o autor tenta escamotear essas barras através do brilho; e para o intelectual, é fácil ser brilhante. O dever de ser brilhante esteriliza, não deixa vaziar contradições. Então, a obra não instiga, não perturba, não fricciona o estabelecido. O travesti como você, Shirley, perde seus mistérios — estou falando do mistério poético. Porque o mistério é contrário ao brilho fácil. Sobretudo, numa abordagem de temas "exóticos" é muito comum a tentação de imitar a realidade "o melhor possível" — em nome de uma suposta fidelidade a um determinado real. Essa é, em outras palavras, a melhor receita para criar estereótipos e mediocridades. Então nossos criadores acabam tratando você travesti de um modo demasiadamente unívoco, pouco crispado, sem contradições — uma coisa quase impessoal, asséptica. Por exemplo, por que nunca se fala de você como o operário que existe dentro de você, Shirley? Ou, ao contrário, por que nunca se desvenda o travesti incrustado no desejo de João — sua vida dupla, o fascínio que ele tem por tua duplicidade? Será que não estamos sempre tensamente dicotomizando beleza/força, nos falsos papéis culturais atribuídos ao masculino/feminino? Dá pra entender, Shirley? Pra dizer a verdade, acho que da próxima vez é melhor a gente falar de assuntos comuns a nós dois, amadurecidos, não é? Conversar sobre as costeletas do Ricardo Montalban, por exemplo, como elas significam; tudo amplidão nas costeletas do Montalban, não? Só quero dizer que a marginalidade não é tão óbvia quanto se pensa. Da próxima vez vamos falar de cinema nacional. Ora, queridinha, então não sei que você tem uma secreta adoração por cinema nacional? Então eu vou só te contar como as pessoas andam fazendo quintessências do lugar-comum. Até outro dia, meu anjo. Um beijo,

(meu nome é amor)



João Silvério Trevisan

PS: Vampíria Cinematográfica apresenta:

- O roteirista mais bem pago do CB
- CB descobre o roteirista
- A reciclagem e vampirização do autor de roteiros
- O produtor nacional como seguidor das modas, um capitalista sem imaginação nem ousadia.
- SHIRLEY, um roteiro.